

DROYSEN: A FUNDAMENTAÇÃO DA CIÊNCIA DA HISTÓRIA PELA VIA DA PRODUÇÃO DE UMA ANTROPOLOGIA HISTÓRICA

*Luiz Sérgio Duarte da Silva**

Resumo

A atualidade da teoria da história de Droysen pode ser buscada no seu caráter sistemático. Contra todas as formas de reducionismo, a construção de passado é resultado de escolhas atuais de caráter epistemológico, teórico, metódico, estético e ético. Essas escolhas devem ser assumidas e explicitadas. O texto apresenta a obra de Droysen como referência para uma aproximação sistemática do problema da fundamentação da ciência da história.

Palavras-chave: Droysen, passado, história.

Johann Gustav Droysen (1808-1884) é um antecipador do que mais tarde foi chamado de ciências da cultura. Seu pensamento deve ser integrado aos esforços de determinação de princípios e procedimentos adequados ao tratamento dos fenômenos simbólicos e a correspondente produção de uma epistemologia das ciências humanas. A sua teoria da história (*Historik*) está centrada no início da tradição hermenêutica, aquela que desde Lessing, passando por Herder e Humboldt, afirma-se em Dilthey e Weber.

É a idéia de treinamento intelectual e formação de personalidade, a partir da compreensão dos valores que orientam o desenvolvimento de

* Professor da Universidade Federal de Goiás.

uma determinada cultura (*Bildung*), que sustenta o enfrentamento da questão do explicitamento de justificativas para um conhecimento que não possui caráter nomológico.

Diferentemente das ciências da natureza, dirigidas pelo empreendimento de produção de controle dos meios de produção da vida material, o interesse de conhecimento dos fenômenos simbólicos é a produção de sentido.

O estudo da história não tem como objetivo a simples produção de imagens corretas de eventos passados; ele está coordenado pela localização e observação dos valores que orientam as ações humanas.

Droysen possui uma visão de mundo idealista. Suas relações com o conceito hegeliano de história da liberdade são conhecidas. Tal perspectiva tem como contexto a crise produzida pela emancipação revolucionária e burguesa e foi modificada por uma ênfase construtivista, vinculante, engajada. A teoria da história progrediu quando a reflexão sobre a perspectiva do historiador (a relação do presente com o passado) passou a ser considerada como central e ampliou (dialeticamente) a discussão sobre a objetividade (até então restrita ao estabelecimento da fidedignidade e correção das fontes).

Droysen empreende uma defesa da historiografia pela via da produção de uma antropologia histórica. Ao chamar a atenção para o conceito de poderes ou idéias morais (*sittliche Mächte und Ideen*), refere-se às decisões e escolhas do passado como ainda vivas na forma de demandas que requerem escolhas atuais e produção de argumentos para sua refutação ou acordo. A compreensão histórica é a única a produzir esse diálogo. Só ela nos informa da continuidade e dos laços que aproximam as gerações. O historicismo, sabe-se desde Gadamer, possui uma relação ambígua com as filosofias especulativas. O pensamento que se caracteriza pela insistência na especificidade de cada época (não subsumível a uma lógica temporal transcendente e suprema que realiza a si mesma no curso da história da humanidade) é o mesmo que defende o desenvolvimento, o progresso, o aprendizado como marca do ser humano. Na versão inaugurada por Droysen (trata-se então das origens de um neo-evolucionismo), essa metanarrativa perde seu caráter de necessidade e ganha ares de mera possibilidade.

Quem melhor compreendeu essa novidade de Droysen foi Jörn Rüsen (1969, p. 16-18):

A história filosófica, pensada como definitiva ou concluída, que possuía seu fim realizado no presente e da qual os conceitos podem captar a conexão geral, na perspectiva de Droysen deve ser colocada em suspensão e transformada em objeto de reflexão para um tipo de tarefa cognitiva que parte do questionamento de sua realização tanto teórica quanto prática. [...] A facticidade histórica é colocada por Droysen contra os conceitos puros hegelianos. A práxis do presente obriga o regresso do conceito para o fato. A sobre-humana predestinação do desenvolvimento e formação do espírito na filosofia hegeliana precisa ser revogada; a unidade do ser e do pensamento, da crença e do saber, da história e do conceito, está quebrada.

A história é o tipo de conhecimento que dá acesso a esse processo que pode ser assumido ou simplesmente ignorado. A antropologia histórica do historicismo depende (tanto para “romper” quanto para desdobrar) e é herdeira do Iluminismo. A continuidade entre os dois momentos da história das idéias deve ser buscado no conceito de humanidade e, ligado a ele, na concepção da possibilidade de aprendizado do gênero. As pesquisas de Peter Hanns Reil sobre o vitalismo iluminista demonstraram que, já na segunda metade do XVIII, uma visão alternativa (um contradiscurso em relação à filosofia natural mecânica newtoniana) da ciência estava disponível e serviu de base para o que foi depois desenvolvido pelo historicismo:

Suas características centrais incluem: 1) a transformação do método fundado em um “empirismo controlado”; 2) uma redefinição da matéria na qual a interação recíproca substitui a simples agregação; 3) a reintrodução do conceito de forças ativas na natureza junto com o conceito de direção decidida; 4) o desenvolvimento de uma epistemologia que enfatiza a centralidade da *Anschauung* (contemplação, concepção, opinião, parecer, conceito, idéia, visão, noção) e “adivinhação”; 5) a formulação de uma visão harmônica da realidade e da explicação que questiona as suposições básicas dos sistemas binários da lógica e explicação. (REIL, 1994, p. 233)

O caráter sistemático (Aristóteles e Kant) da aproximação epistemológica está então aliado a uma visão de mundo de caráter

dialético (Platão e Hegel). Vários autores (Wittikau, Rüsen, Iggers, Jäger, Reil) já mostraram como o interesse crescente no conhecimento histórico-científico esteve ligado a mudanças no mundo da vida. A experiência (pós-revolucionária) da diferença entre presente e passado reforçou a idéia de entendimento da vida humana e da cultura como resultado de desenvolvimento histórico. A conscientização da historicidade da existência humana produziu tanto a filosofia da história especulativa (Hegel e o empreendimento de produção de uma resposta para a pergunta sobre o sentido e o objetivo da história) quanto a teoria da ciência histórica (a *Historik*, de Droysen, segue o modelo da teoria kantiana de conhecimento para produzir uma reflexão sistemática sobre pressupostos, categorias, conceitos, objetivos, formas de representação e procedimentos sobre o que caracteriza o pensamento histórico na época da sua racionalização). O impulso emancipatório (a ênfase na emancipação do povo de toda forma de autoridade injustificada) foi acompanhada por um esforço de certificação, sistematização e justificação do conhecimento histórico em andamento desde a segunda metade do século XVIII. Horst Walter Blanke e Dirk Fleischer reuniram textos de Carl Renatus Hausen (*Rede von der theorie der Geschichte*), Friedrich Maier (*Versuch einer Encyclopädie de Geschichte, nach allen ihren Theilen, in einem natürlichen Zusammenhang*), Georg Andréas Will (*Einleitung in die historische Gelahrtheit und die Methode, die Geschichte zu lehren und zu lernen*), August Ludwig Schözer (*Von der Handlungsgeschichte*), Christian Jakob Kraus (*Encyclopaedische Ansichte der historischen Gelehrsamkeit*) e Siegmund Jacob Baumgarten (*Über die eigentliche Beschaffenheit und Nutzbarkeit der Historie*).

Os pressupostos do conhecimento histórico são o material (as fontes: vestígios e leituras de uma experiência vivida) e a produção de hipóteses sobre o mundo (passado). O passado só nos chega através de pistas (dele só podemos construir imagens, representações: o passado é um excelente exemplo de presença-ausência), mas essas pistas só podem ser lidas a partir de uma postura investigativa. Nesse sentido, o historiador é juiz: ele coage, obriga, interroga. A especificidade do conhecimento histórico está dada pelo seu caráter compreensivo. A identidade de sujeito e objeto lhe obriga essa postura. Sujeitos valoram investigando hipotético-empiricamente fenômenos que portam valores. A identificação, em cada

contexto, dos valores que dirigiram ações é o objetivo do cientista das coisas humanas.

É por isso que a *Historik* (a teoria da história) na sua primeira versão, o manuscrito de 1857, se subdivide em “Systematik” e “Methodik”. A primeira parte é a reflexão sobre as formas e conteúdos do modo de existência histórica: os poderes e idéias éticas (*die sittliche Mächte und Ideen*) informam o ser histórico; os conceitos de homem (*Mensch*) e humanidade (*Menschheit*) constituem a base e o objetivo da história. Nessa parte é exposta a antropologia histórica do historicismo. A “Methodik” relaciona-se com as formas e conteúdos do modo histórico de pensar (heurística ou determinação do objeto, crítica ou preparo da interpretação, interpretação ou controle do conteúdo do objeto e representação, ou escolha da forma discursiva).

As escolhas estão presentes em todos os níveis: do processo histórico (na continuidade dos valores que constituem a ordem e o sentido de uma determinada cultura) ao conhecimento desse processo (na determinação do objeto, nas decisões sobre a teia interpretativa e sobre os modos de representação). Os modos de representação (investigativo ou imitação do processo de pesquisa, narrativo ou imitação do desenvolvimento do objeto, didático ou exposição pedagógica, e discursivo ou função do narrado com as preocupações práticas atuais) e os modos de interpretação (pragmático ou concentração nos objetivos imediatos dos atores, condicional ou reconstituição das condições materiais de um evento, psicológico ou tratamento tipológico de personalidades e vontades, ético ou classificação dos eventos a partir das categorias que determinam as esferas da vida moral, a saber, a material ou familiar, nacional ou humana, a ideal ou o bom, o verdadeiro e o belo e a prática ou lei, política e economia) são classificados a partir do critério da assunção e controle das escolhas feitas pelo próprio historiador. O modo de representação discursivo (por assumir sua vinculação com a práxis social) e o modo de interpretação ético (por assumir a sua vinculação com o todo da história universal e a idéia de humanidade que lhe dá coesão) são superiores.

A atualidade da teoria da história de Droysen pode ser buscada no seu caráter sistemático. Contra todas as formas de reducionismo, a construção do passado é resultado de escolhas atuais de caráter epistemológico, teórico, metódico, estético e ético. Essas escolhas devem ser assumidas e explicitadas. Mas é sobretudo ao inaugurar a discussão sobre o

papel do sujeito do conhecimento histórico e a sua função central em uma ciência valorativa de fenômenos que portam valor que sua aplicabilidade para a reflexão sobre o pensamento e a escrita da história deve ser afirmada.

Abstract

The systematical character of the Droysen's theory of history is very actual. The building of past results from epistemological, theoretical, esthetical, ethical choices which must be exposed. So Droysen's works can be reference for a systematical approach to the bases of the history science.

Key words: Droysen, past, history.

Referências

DROYSEN, Johann Gustav. *Historik*. Historisch-kritische Ausgabe von Peter Leyh. Stuttgart-Bad Canstatt: Frommann-Holzboog, 1977.

WHITE, Hayden. Review essay: *Historik*. *History and Theory*, v. 19, n.1, 1980.

MACLEAN, Michael. Johann Gustav Droysen and the development of historical hermeneutics. *History and Theory*, v. 26, n. 2, 1982.

BURGER, Thomas. Droysen's defense of historiography: a note. *History and Theory*, v. 16, n. 2, 1977.

RÜSEN, Jörn. *Begriffene Geschichte: genesis und Begründung der Geschichtstheorie*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1969.

REIL, Peter Hanns. Science and the construction of the cultural sciences in late enlightenment Germany: the case of Wilhelm von Humboldt. *History and Theory*, v. 33, n. 3, 1994.